



O jardim de infância do colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS (décadas de 1930 e 1950): memórias de práticas escolares

Gisele Belusso

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul
giselebelusso@hotmail.com

Terciane Ângela Luchese

Professora do Programa de Pós-Graduação em História
e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul
taluches@ucs.br

RESUMO

O colégio Nossa Senhora de Lourdes é uma instituição confessional inaugurada em 1917 pelas irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, Farroupilha, Rio Grande do Sul. Criada como escola primária passou gradualmente a acolher o jardim de infância. Neste artigo, perscrutamos indícios das práticas escolares do jardim de infância, nas décadas de 1930 e 1950, na referida instituição. Os pressupostos teóricos são auferidos pela História Cultural e História da Educação e como categoria de análise as culturas escolares e como foco as práticas escolares. A metodologia utilizada é análise documental histórica e História Oral. Os documentos foram narrativas de duas professoras religiosas e acervo pessoal de Raul Pedro Tartarotti. As práticas escolares lembradas apontam para atividades como música, teatro, literatura infantil e uso de diversos materiais didáticos, além dos rituais das orações. Representações de práticas escolares vivenciadas em uma instituição escolar confessional e realizadas por professoras religiosas que assumiram como missão, o educar.

Palavras-chave: Instituição escolar. Jardim de Infância. Práticas Escolares.



The Nossa Senhora de Lourdes' preschool in Farroupilha/RS (1930s and 1950s): accounts of educational practices

ABSTRACT

Nossa Senhora de Lourdes is a confessional school founded in 1917 by the Scalabrian Sisters of Saint Charles Borromeo in Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brazil. It first started as a primary school but gradually took the role of a preschool. In this article, we go through evidence of this preschool's educational practices in the decades of 1930 and 1950. The theoretical framework is provided by Cultural History and Educational History and as analytical category we study school cultures, with a focus on educational practices. The methodology consists of documental historical analysis and Oral History. The documentation comprises the accounts of two religious teachers and the personal archive of Raul Pedro Tartarotti. The registered educational practices point towards activities such as music, theater, children's literature and various educational items, besides ritual prayer. Representations of educational practices experienced in a confessional school and established by religious teachers who took education as their mission.

Keywords: Educational Institution. Preschool. Educational Practices.



Considerações iniciais

Pensar o repertório das práticas escolares em seu dia-a-dia leva-nos a tangenciar o imaginário pedagógico de uma rotina que sempre nos parece familiar, porque, até certo ponto, foi experimentada na infância.
(BOTO, 2012, p. 216).

Perscrutar as práticas escolares em uma instituição confessional católica entre as décadas de 1930 e 1950, repertoriando os fazeres, atentando para as representações rememoradas sobre o vivido enquanto professoras e sensíveis ao arquivado em um acervo pessoal sintetiza o intuito da análise apresentada neste texto. Com as palavras de Boto (2012) nos inspiramos para perquirir documentos e atentar para indícios, rastros e vestígios (GINZBURG, 2007) de algumas práticas escolares do jardim de infância, nas décadas de 1930 e 1950, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha, Rio Grande do Sul.

A instituição escolar foi constituída em 1917 na então vila de Nova Vicenza, distrito de Caxias¹ e que em 1934, com a emancipação política, passou a compor a zona urbana do território do município de Farroupilha. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes é uma instituição confessional que atendeu incialmente o ensino primário acolhendo meninos e meninas. As precursoras que fundaram a escola foram as Irmãs Helena Luca, Josefina Oricchio, Bernardete Ugatti, Maria de Lourdes Martins e Joana de Camargo, cinco religiosas da Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas², as primeiras de muitas outras que atuaram como docentes na instituição. A congregação, procedente da Itália, constituiu diversas escolas no Rio Grande do Sul, em especial em regiões ocupadas por imigrantes italianos e descendentes, atuando também na área da saúde, com a abertura de hospitais e no acolhimento dos imigrantes.³

É no contexto desta instituição que mapeamos algumas das práticas escolares no jardim de infância considerando os pressupostos teóricos auferidos na História Cultural e História da Educação, tendo como categoria de análise as culturas escolares. Julia (2001) e Viñao Frago (2002) propõem adentrar o interior das escolas para pensá-las em seu cotidiano – sujeitos, saberes, tempos e espaços. Reproduzimos o esquema de Luchese (2018) em que a relação entre instituições escolares, culturas e práticas se evidencia e contribui para pensar e orientar a análise proposta neste texto.

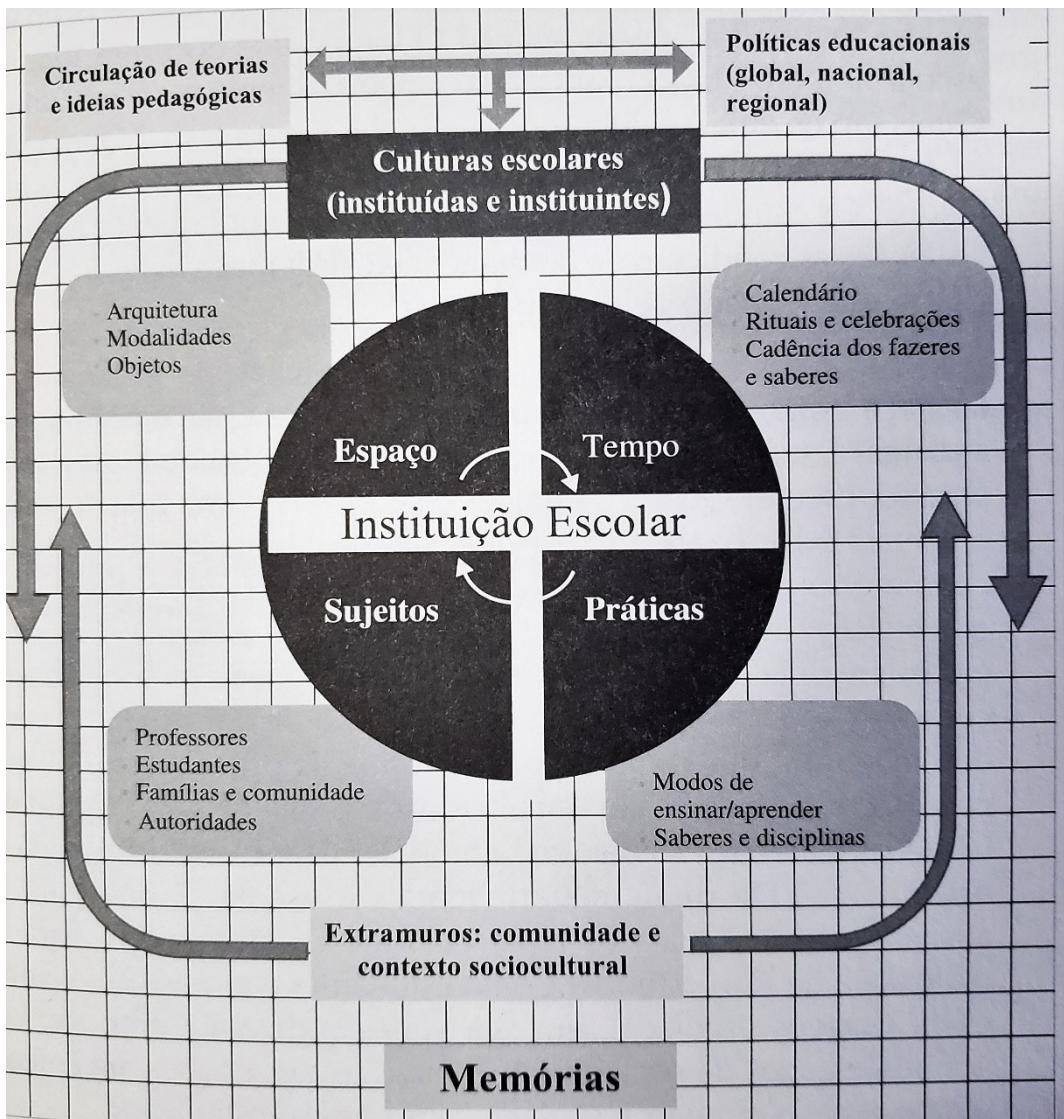
1 A partir de 1941 passou a denominar-se Caxias do Sul.

2 A constituição da Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas ocorreu em meio ao intenso processo migratório mediante a crise econômica e política na Itália que expulsou milhares de pessoas em fins do oitocentos e início do novecentos. A emigração para diversos países, inclusive o Brasil, propiciou condições para a fundação de congregações que se ocupassem da acolhida, educação e saúde destes grupos de imigrantes e, entre estas iniciativas, está a Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeu Scalabrinianas. O Brasil necessitava de mão de obra para as fazendas de café e também de pessoas dispostas a ocupar as terras das colônias, inclusive da Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul. Em 23 de outubro de 1895, o Padre Marchetti foi até a Itália e participa da criação da Congregação das Irmãs de São Carlos: Assunta Marchetti, Carolina Marchetti, Angela Larini e Maria Franceschini, que realizam os votos válidos por seis meses, deram início à congregação. E assim, em 1895, chegaram no Brasil para trabalhar no Orfanato Cristovão Colombo em São Paulo complementando a ação pastoral dos padres missionários de São Carlos (SIGNOR, 2007). No Rio Grande do Sul, instalaram-se a convite do Padre Enrico Domenico Poggi, com autorização do Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, e do Bispo de Porto Alegre, Dom João Becker. As primeiras Irmãs assumiram a missão de concretizar mais uma obra em 1915 abrindo a primeira escola, o Colégio São Carlos. Posteriormente são abertas diversas instituições escolares no Rio Grande do Sul, dentre elas o Colégio Nossa Senhora de Lourdes em 1917.

3 Sobre a atuação na congregação no Brasil ver Signor (2005; 2007).



Figura 1 – Entrecruzando a história das instituições e culturas escolares



Fonte: reproduzido de Luchese (2018, p. 61).

Mobilizando o acervo pessoal de Raul Pedro Tartarotti, aluno do jardim de infância na década de 1930, mais precisamente em 1936, e as narrativas de duas professoras religiosas que atuaram nos anos 1950 com o jardim de infância, a metodologia utilizada foi a análise documental histórica e a História Oral. No acervo da instituição não foram localizados documentos que fizessem qualquer referência ao jardim de infância.

As narrativas de história oral são das professoras, Rosalina Segnfredo⁴ e Amantina Segnfredo, religiosas pertencentes a Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas que iniciaram sua trajetória profissional no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, neste nível de ensino. Rosalina iniciou suas atividades no ano de 1954 e permaneceu até 1956 e Amantina em 1958 até 1961, porém, atuou somente no ano de 1958 no jardim de infância. Depois, assumiu quarta e quinta série do ensino primário, essa última com objetivo de preparação para os exames de admissão.

4 Nasceu em 10 de setembro de 1930 na cidade de Nova Bassano e cursou o noviciado em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.



As entrevistas foram concedidas nas comunidades onde as religiosas residiam, em 2015, na cidade de Caxias do Sul, em dois diferentes endereços. Elas foram indicadas por outra religiosa da congregação que também atuou como professora na instituição, a Irmã Mafalda Segnafredo, que acompanhou nas visitas para realização das entrevistas. As memórias da professora Irmã Mafalda Segnafredo⁵ foram contempladas em outras escritas (BELUSSO, 2016). A relação das três religiosas da Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas é familiar, são irmãs, nascidas em Nova Bassano, região também colonizada por imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. E essa condição familiar, de vários filhos de uma mesma família seguirem vida religiosa, como apresenta De Boni (1980), foi recorrente entre muitos dos descendentes de imigrantes. No caso, conforme Scariot (2006), as religiosas são três dos onze filhos de Lino Segnafredo e Thereza Parisotto. Conforme relato de Mafalda Segnafredo para Scariot (2006, p.164-165):

Deus abençoou muito nossa família. Seguiram-se primeiro a mana Rosalina e mais tarde a mana Amantina. A última da família, a Avelina, tornou-se Carmelita. Veio a falecer em Porto Alegre, em 2001. Além disso ingressaram em nossa congregação [refere-se às Irmãs Scalabrinianas] as sobrinhas: Irmã Leda Garbin e Irmã Italvina Rosa Bassani. Um sobrinho estudando, em Roma, com os Padres Scalabrinianos.

Como é possível perceber a relação familiar foi a motivação para a indicação destas e não de outras religiosas que possam também ter atuado no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Para a realização da entrevista foi produzido um roteiro com algumas questões, que eram utilizadas no decorrer da narrativa procurando não interromper o entrevistado, com a flexibilidade de incluir outras questões que surgissem durante o momento.

As entrevistas podem ser caracterizadas como temáticas e a utilização das mesmas foi autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, respeitando a opção ou não de identificação (ALBERTI, 2005). A opção das professoras religiosas foi a de serem identificadas. As entrevistas foram realizadas por uma das pesquisadoras, tendo sido gravadas e transcritas para posterior utilização. O tempo médio de áudio de cada entrevista foi de 40 minutos⁶. É relevante compreender que quem compartilha o faz a partir do que lhe é possível, ou seja, o que lembra. Desta forma, os esquecimentos e valorizações são inerentes ao momento, além de estarem atrelados aos grupos sociais a que convivem (HALBWACHS, 2003). Memórias atualizadas pelo presente, pelas experiências que compõem os sujeitos, seus valores, pertencimentos e emoções, emergindo em uma narrativa “a voz e a identidade” (ERRANTE, 2000, p. 143). Em suma, a História Oral foi mobilizada tendo em consideração que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39).

5 Nasceu em 9 de agosto de 1928, em Nova Bassano, RS. Durante sua trajetória teve importante participação nas atividades da congregação exercendo a função de Superiora Provincial da Província Imaculada Conceição de 1967 até 1971, já em 1977 assumiu atividades no Pontifício Conselho Pastoral dos Migrantes Itinerantes, obra do Vaticano em Roma, lá permanecendo até 1998. Ao retornar ao Brasil fica sob sua responsabilidade a coordenação da Pastoral Migratória da Diocese de Caxias do Sul.

6 Nota metodológica: a condução das entrevistas foi marcada pela responsabilidade de oportunizar um momento que envolvesse o cuidado com o outro, aquele que compartilha e, deixando-o confortável durante a entrevista tendo em vista estabelecer uma relação de confiança. Optar por silenciar para interferir o mínimo possível nas lembranças delas, privilegiando a “arte da escuta”, valorizando o lugar e o significado dos eventos na vida das narradoras (PORTELLI, 2016).



Durante o processo histórico da instituição ocorreram trocas de prédios, melhorias com relação à infraestrutura e ampliação no atendimento a diferentes níveis de ensino. Ao nos propomos compreender as práticas escolares do jardim de infância nesta instituição as tomamos como representações que são partilhadas e compostas pelos sujeitos para explicar o mundo, contingenciadas por processos de significações que comportam crenças, mitos, constituem identidades, modos de pensar, fazer, e, também silenciamentos (PESAVENTO, 2008).

O vivido no passado não pode ser acessado, mas percepções e concepções, guardadas em memórias e em alguns materiais escolares permitem pensar no cotidiano, no interior de uma instituição. As práticas aqui analisadas são fragmentos acerca da experiência vivida no passado que é irrecuperável em sua totalidade. Entendemos que a prática pode ser composta por múltiplas facetas entre oralidade, linguagens corporais, ações, prescrições, materiais disponibilizados ou não, organização de tempos e espaços, valores, entre outras, as quais não são possíveis de serem percebidas em todas as dimensões dos modos de fazer que são sempre apropriados por aqueles que vivenciam o cotidiano (CERTEAU, 2014). E, tendo isso em conta, apresentamos algumas das evidências das práticas escolares no jardim de infância do Colégio Nossa Senhora de Lourdes entre as décadas de 1930 e 1950.

Indícios das práticas no jardim de infância das “Irmãs⁷”

O que é invocado, mas ausente, é o que se faz na escola, o que se faz hoje ou o que é sempre feito, enfim, a prática escolar.
(Anne Marie Chartier, 2000).

A partir da perspectiva de Anne Marie Chartier (2000), as práticas escolares são entendidas como algo que acontece na escola, contudo, ela não deixa vestígios, ou seja, está no campo entre as normas apropriadas e os discursos proferidos, simplesmente os fazeres ordinários. Nesse sentido, os indícios aqui apresentados não são as práticas em si, materializadas por meio das memórias, mas sim, representações lembradas acerca do vivido e do percebido das práticas realizadas naquela época por professoras religiosas, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no jardim de infância.

As representações foram acessadas pela possibilidade de utilizar a História Oral enquanto metodologia, como referido. Nesse sentido compreendemos que as memórias compartilhadas foram contadas atualizadas pelo presente, mas entremeadas pelas vivências nas comunidades onde estão inseridas as religiosas, bem como permeadas pelos seus valores e emoções. Portanto, é preciso considerar que as professoras religiosas entrevistadas viviam e seguem vivendo em comunidades religiosas, em contato com outras religiosas que tem em comum a atuação como docentes em suas trajetórias, portanto, suas lembranças são atravessadas, também, por essas experiências. Mais do que memórias individuais são memórias coletivas como nos lembra Halbwachs (2003).

A atuação das duas professoras traz elementos em comum nas narrativas, pois Rosalina conta que “[...]quando cheguei que eu fui designada para trabalhar lá[...], comecei lá no jardim da infância”(Rosalina Segnafredo, 2015). Do mesmo modo, Amantina refere que “a madre provincial, ela dava lugar, ela destinava para onde a gente ia trabalhar, em primeiro lugar peguei o jardim de

7 Fazemos referência à forma como a comunidade farroupilhense identifica e refere-se ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes.



infância" (AMANTINA SEGANFREDO, 2015). Nos relatos percebe-se que as irmãs assumiram a docência por missão, que lhes era designada pela madre provincial, portanto, ser docente não era uma escolha, mas sim uma das possíveis atribuições das irmãs após a opção pela vida religiosa. No caso das duas religiosas, existe uma singularidade, mesmo que em anos diferentes, ambas assumiram o jardim de infância no Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Ao recordarem sobre o grupo de crianças que frequentaram o jardim de infância apontam mais uma vez lembranças que apresentam "pontos de contato" (HALBWACHS, 2003). Rosalina recorda do elevado número de crianças entre 1954 e 1956, afirmando que eram "bastante, eu tinha quarenta crianças, mas, quarenta crianças, mas não faltava nada, bem equipado, com música, como é que diz as cadeiras e mesas, tudo em condições" (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Com relação ao número de alunos, do ano de 1958, Amantina aponta um número ainda maior, em torno de 50 e, ainda, com idades díspares. Em suas palavras, afirmou que

quando eu cheguei lá na sala eu vi um berçinho e eu disse pra que esse berçinho? Me disseram: tem uma criança de quase dois aninhos, como tem o irmãozinho no jardim também ela vai ficar como se fosse uma criança da turma. Já pensou! Uma criança quase nem dois aninhos! Tinha que cuidar de cinquenta crianças e mais a menina, a criancinha (AMANTINA SEGANFREDO, 2015).

A partir de então interpretamos que o jardim de infância era o agrupamento de alunos que não tinham idade suficiente para frequentar o ensino primário e assim era composto por crianças de diferentes idades. O jardim de infância atendia meninos e meninas com idades distintas e Rosalina narra que "tinha aqueles mais grandinhos, maiores que também deixavam lá, esses me ajudavam, né!" (ROSALINA SEGANFREDO, 2015).

Nesse sentido, ao vislumbrar os indícios das práticas temos que considerar um grupo de crianças com idades distintas e numeroso para uma única docente. Ainda, que essas professoras religiosas atuavam sem uma formação profissional para tanto. Como mencionado, as religiosas assumiam a docência logo após concluir o noviciado. As formações profissionais ocorreram por vezes de forma concomitante ao trabalho docente, como no caso da professora Amantina. Ela foi docente e aluna no Lourdes ao mesmo tempo. Em seu relato afirma que [ela] "tava na chamada quarta série do ginásio. Então trabalhava ali, dava aula e continuava estudar ali mesmo" (AMANTINA SEGANFREDO, 2015). Sua formação, posterior à sua atuação no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, foi realizada no curso normal do Colégio São Carlos, instituição da mesma congregação, situado em Caxias do Sul. Na sequência, a Irmã Amantina cursou licenciatura curta em Estudos Sociais na Universidade de Caxias do Sul. Já Rosalina cursou o normal e posteriormente Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Assim, compreendemos que a congregação assegurou, ao longo dos anos, diversas oportunidades de formação profissional para as religiosas que assumiram a docência. Mas a formação não era pré-requisito para a docência – ao menos por muito tempo não foi. E, neste caso,

enquanto predominou na sociedade uma visão sacralizada de mundo, foi possível às religiosas, por esse título, exercerem tarefas para as quais não estavam tecnicamente habilitadas. Por que eram 'irmãs de caridade' podiam ser professoras, enfermeiras ou assistentes sociais; nenhum diploma ou curso era exigido delas (NUNES, 2004, p. 501).

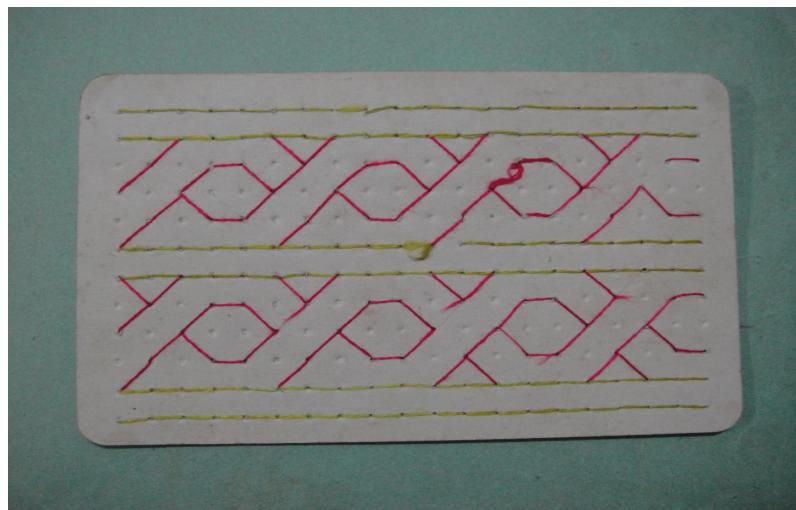


Outro aspecto a ser considerado é o espaço que conforme indicado pela professora Rosalina “era equipado e tinha tudo em condições”, discurso que também é enfatizado por outras professoras religiosas nas entrevistas. Ao recordar sobre suas práticas Amantina lembra que em suas práticas, no jardim de infância que:

vai pensando como eu fazia, mas eu dava conta do recado viu! Eu fazia o meu trabalho essa integração, primeiramente a gente fazia essa integração e a gente ia trabalhando com as habilidades motoras, como que se diz, audição, os cinco sentidos que eles estavam vivendo. Eles estavam bem enturmados daí então a gente começava a fazer o trabalho concreto, né. Então eu fazia os trabalhinhos, eu preparava né, então com os pontinhos né, então eles ligavam as palavrinhas ou senão faziam os desenhos, flores, corações, né. Daí então eles iam ligando até para eles tomarem jeito. Usavam a tesoura sem ponta, pintavam, então cada um tinha seu trabalhinho, como é que se diz. Cada caselinha, onde guardavam todo material, então era colorir, era para como é recortar e mais principalmente os brinquedos que se trabalhava né (AMANTINA SEGANFREDO, 2015).

Para Amantina, as práticas no jardim de infância mobilizavam o lúdico, materiais concretos e experiências mobilizadoras dos sentidos. Para ela, eram importantes os diversos materiais e os “brinquedos de encaixe, brinquedos de montar e tudo que tinha. Tinha bastante, bastante material. Aí eles tinham muito material, era rico em materiais para as crianças dessa idade né” (AMANTINA SEGANFREDO, 2015). Nas lembranças da professora Amantina podemos perceber a preocupação com o discurso pedagógico, ao referir-se a termos como por exemplo habilidades motoras, apropriado durante sua trajetória como docente, mesmo que, possivelmente, quando iniciou as atividades como professora ainda não tivesse tido acesso a tais saberes. Se refere aos “trabalhinhos” preparados com antecedência, utilizando pontinhos para ligar formas, desenhos e palavrinhas que eram pintados nos apresentando a necessidade de um planejamento prévio. E reforça o discurso da disponibilidade e diversidade de materiais e brinquedos. As memórias da professora Amantina se aproximam de uma atividade presente no acervo de Raul Pedro Tartarotti e que foi realizada no jardim de infância no ano de 1936. Entrecruzando os documentos podemos perceber a recorrência de algumas das práticas e sua permanência no tempo.

Figura 2 – Atividade do Jardim de Infância - 1936

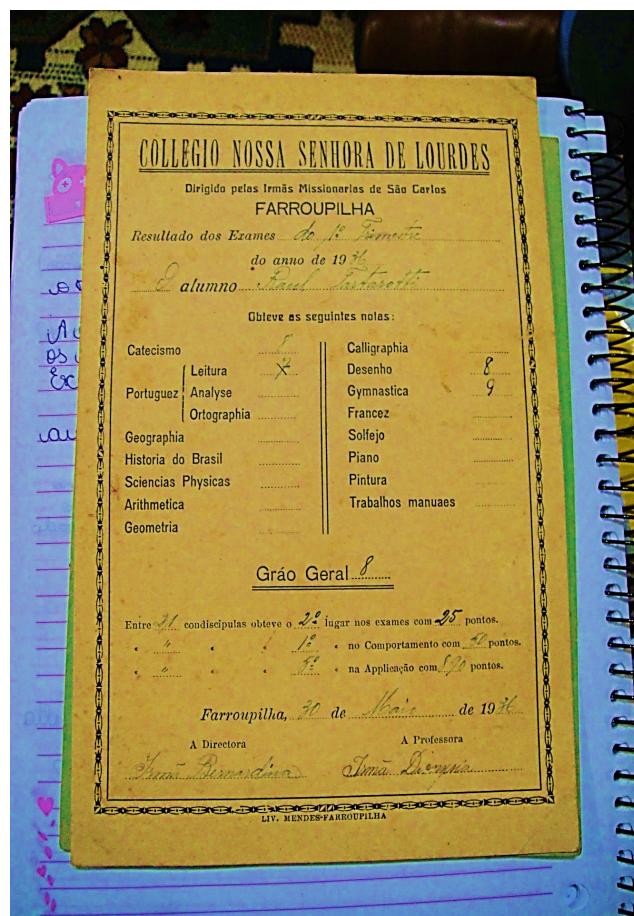


Fonte: Acervo pessoal de Raul Pedro Tartarotti.



Na figura 2 podemos ver uma atividade de alinhavo, realizada em uma ficha. Desta forma identificamos que na década de 30 do século XX, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes já utilizava materiais didáticos com atividades direcionadas para auxiliar as docentes na realização de atividades com objetivos pedagógicos. Ainda é possível afirmar que mesmo não tendo registros na instituição escolar sobre o início do funcionamento do jardim de infância já ocorria neste período. As atividades citadas eram distribuídas no boletim escolar por meio de disciplinas e o desempenho didático traduzido em notas pelas docentes.

Figura 3 – Boletim do jardim da Infância (1936)



Fonte: Acervo pessoal de Raul Pedro Tartarotti.

Os conteúdos que estão preenchidos com nota são o catecismo, a leitura, o desenho e a ginástica. É interessante observar que o aluno Raul obteve o segundo lugar nos exames, primeiro lugar no comportamento e quinto lugar na aplicação dentre os 21 colegas, o que pode ser um indício de que nem todos prestavam os exames ou na época as turmas ainda fossem menos numerosas. Podemos inferir que os saberes disseminados no jardim da infância tiveram aspectos técnico-pedagógicos e religiosos, vinculados ao saber fazer, mas também ao saber se comportar.

O boletim escolar do jardim de infância parece ser adaptado para o nível de ensino já que não tem notas em algumas das disciplinas, assim preenchiam apenas o que era coerente ao contexto dos alunos menores. O documento apresentado é do primeiro trimestre, o que pressupõem que seriam entregues anualmente a cada aluno três boletins. Este primeiro foi identificado com a data de 30 de maio. As assinaturas são da diretora e da professora, respectivamente, das Irmãs, Bernardina e Dyonisia.



Com relação a experiência da professora Rosalina ao chegar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e assumir a docência, ela rememora que:

abraçei em primeiro lugar. Que a gente tem que ter com o método de Montessori, a gente sempre tem que ter sempre aquela coisa, delicadeza, um método assim, pra poder a gente conseguir as crianças. Pois não é assim, com quem já entra com o rosto fechado não é assim, bem agradável e que a criança tenha assim como se diz confiança na professora. Então eu já comecei, depois comecei meu método, eu disse vou começar o meu método. Porque eu vi que a outra tinha outro método e eu não gostava, tinha uma certa... achava que não era com ordem, então eu disse irmã vou fazer o meu método. Então eu comecei, organizei assim, que as crianças antes de começar a dar aula mandava fazer silêncio, mandava se deita um pouquinho, fechar os olhos e deitar uns minutos, um pouquinho, na mesinha e aí eu falava, daí eles ficavam quando era no fim abriam os olhinhos eles estavam quietos e dizia estamos aqui para trabalhar, os pais estão trabalhando, para que nós um dia também pudéssemos ajudar os nossos pais e eu conseguia muito, muito (ROSALINA SEGANFREDO, 2015).

As rememorações das professoras remetem às formas de fazer e ao modo de organizar sua prática. Denota certa autonomia das professoras, pois a partir do que lhes foi oferecido, para além da apropriação, houve a criação de novas táticas. Em publicação comemorativa aos cinquenta anos da instituição, em 1967, foi dedicada uma página para divulgar a escola ativa como referência do trabalho pedagógico, citando Montessori e Lubienska.⁸ Apresentando a imagem a seguir:

Figura 4 – Sala de aula Colégio Nossa Senhora de Lourdes



Fonte: Edição comemorativa aos 50 anos Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1967, p. 9.

⁸ Saviani analisa que Montessori foi um dos nomes mais importantes para a renovação das práticas e ideias pedagógicas a partir dos anos 1930, juntamente com Lubienska que “mantinha preocupações explicitamente religiosas, e ao mesmo tempo, se inseria no movimento europeu de Escola Nova. [...] Lubienska desenvolveu seu método pedagógico em estreita relação com a Bíblia e a liturgia católica” (SAVIANI, 2007, p. 301) o que explica a referência na publicação do Colégio Nossa Senhora de Lurdes e a orientação didática para o trabalho a ser ali desenvolvido.



A imagem apresentada traz diversos elementos da proposta montessoriana, como a linha no chão, alunos fazendo diferentes atividades e com materiais acessíveis na sua altura. Podemos visualizar 14 alunos, uniformizados. Um está no quadro, três nas mesas, sendo uma delas auxiliada pela professora, alguns no chão com materiais e outros em frente a prateleira manuseando aparentemente livros. Não podemos desconsiderar que a foto sempre tem um contexto de produção e que esse momento pode ter sido preparado para demonstrar práticas pedagógicas ativas. O discurso da escola acerca do método e da orientação pedagógica adotada no colégio informa que:

Na escola ativa o objetivo da mestra é fazer de seus alunos seres conscientes, isto é, responsáveis. Respeitar a liberdade da criança é ajudá-la a disciplinar-se; é guiá-la para o cumprimento do seu destino do homem consciente e responsável. A mestra deve ajudar a criança a agir, mas nunca agir em seu lugar sem necessidade absoluta. Cada vez que o adulto ajuda à criança sem necessidade, ele detém ou desvia o seu desenvolvimento, consideremos, pois o nosso método um socorro, uma contribuição para o bem-estar da criança. Graças a esse socorro, sua alma é fortificada, sua inteligência esclarecida e mais equilibrada. Muitas obscuridades e desfalecimentos devido à fraqueza moral desaparecem, porque fortificando-se a alma, adquire o poder de resistir às influências nocivas, do mesmo modo que um corpo vigoroso resiste as epidemias. Há evidentemente mais do que isso. Há orientação deliberada para o bem; há sacrifício feito por amor. O serviço heroico e a santidade não podem ser atingidos por um tratamento psicológico racional. Entretanto, um homem forte e puro estará mais disposto para receber a graça de Deus e fazê-la frutificar. A educação orientada através deste método está sendo aplicado há dois anos em nossa Escola, com grande êxito e aproveitamento. O método está sendo bem aceito pela formação integral que proporciona a criança (PUBLICAÇÃO COMEMORATIVA, 1967, p. 9).

É interessante observar que a publicação comemorativa do colégio em 1967 divulgou que o método estava sendo aplicado há dois anos, já a professora Rosalina se refere a ele quando lembra sobre suas práticas no jardim de infância a partir de 1954. Considerando que a irmã Cleufe Ferronato na década de 1940, fez parte do corpo docente do ensino complementar no Colégio Nossa Senhora Medianeira em Bento Gonçalves e posteriormente trabalhou em Farroupilha no Colégio Nossa Senhora de Lourdes de 1949 até 1954, é possível que os discursos sobre a metodologia montessoriana já circulassem nesse período na instituição por serem também discursos disseminados na formação de professores (BELUSSO, 2016).

E durante o período em que esteve atuando em Farroupilha, a Irmã Cleufe Ferronato esteve presente no Congresso Interamericano de Educação Católica, realizado em 1951, no Rio de Janeiro, na Associação Católica de Educação Católica. Conforme Saviani (2007), as instituições católicas buscavam no período a inserção no movimento renovador das ideias e métodos pedagógicos e nesse sentido a Associação de Educação Católica promoveu cursos, congressos, palestras e semanas pedagógicas para divulgar, especialmente, as ideias de Montessori e Lubienska com o intuito de promover uma Escola Nova Católica.

No entanto, Rosalina também fala do seu “método” apontando seu modo de fazer em comparação ao de outra professora que não lhe parecia adequado, pois lhe faltava organização, assim indicando que a partir das vivências foi criando formas de fazer e organizar o cotidiano escolar.

Irmã Rosalina enfatiza durante sua narrativa o ensino com músicas, histórias e dramatizações, ao relembrar esclarece que



então daí eu fazia teatro com eles, eu fazia dança, fazia de música, eu organizava, assim sempre atividade, fazia assim dramatizações, pegava talvez uma coisa assim para uma figura, uma coisa assim, no livro podia ser e depois dizia você vai ser esse, você vai ser aquele, você agora... mas eles não viam a hora que chegasse a hora de fazer a dinâmica, né! (ROSALINA SEGANFREDO, 2015).

Momentos que, por vezes, transformavam-se em apresentações com a confecção de trajes próprios, assim como de cenários. Em uma dessas ocasiões a professora Rosalina mandou “*fazer o trajezinho de veludo preto, com as notas de música e ainda dia de hoje tem os pais que tem guardado o trajezinho*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). As apresentações também contavam com a participação de irmãs ou alunas que sabiam tocar instrumentos musicais, então a professora Rosalina “*ensinava os cantos, a música, ensinava os cantos, tinha uma menina de outra série que vinha tocar gaita, a irmã Judite ensinava, dava curso de gaita. Então a gente fazia assim um espetáculo que era o canto de minha mãe que eu me lembro ainda hoje, todos cantos!*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Assim podemos perceber que as práticas de ensino em outros espaços da escola também tinham ressonâncias nas práticas do jardim de infância, pois a música era algo muito presente nesta instituição escolar. Sobre a música a professora recorda um pequeno trecho: “*minha maezinha querida, maezinha do coração, te adorarei toda vida com tanta emoção, é tua essa valsinha, eu levantava... ai que beleza!*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). A partir da música compreendemos que a apresentação que foi preparada com o intuito de homenagear as mães. A emoção da professora ao rememorar ficou evidente ao citar as apresentações a que ela nomeia de espetáculo.

Com relação à disciplina escolar, uma das características identificadas nesta instituição escolar por Belusso (2016), o jardim de infância, a partir da narrativa da professora Rosalina também deveria adequar-se, pois não eram tolerados atrasos, “*lá em Farroupilha, então a diretora era a Cleufe, ela era braba! Severa, então quem chegasse tarde na sala de aula era castigado, né. Mandava para casa*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Em uma dessas ocasiões a professora Rosalina foi tática, auxiliando um aluno que chegou atrasado a entrar na escola e recorda que

[...] quando ele chegou que, chegou a diretora mandou embora, ele chorou, chorava, soluçava. Então olhei para fora e olhei quem era, vi que era ele e faltava porque ele tinha que fazer a parte dele, né. Então quando eu olhei fora fiquei com tanta pena. Então a diretora, estava do lado, mas também disse vamos devagar também como que eu vou fazer, fiz o gesto para ele vir mais perto e ele se agarrou no pescoço, eu abri a janela e eu pelos braços, puxei. As crianças: quietas vocês, porquê a diretora entra aqui né e puxei [o aluno para] dentro (ROSALINA SEGANFREDO, 2015).

A diretora tinha como estratégia punir quem chegasse atrasado não permitindo que entrassem na escola sustentando um “lugar próprio” de autoridade, no entanto, a professora aproveitou a possibilidade de permitir a entrada do aluno e, o fez, puxando-o pela janela. Uma atitude que contrariava a ordem da Irmã diretora, mas atendia ao desejo da professora em acolher o aluno. Como propõe Certeau “este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante” (CERTEAU, 2014, p. 95).

A instituição de cunho confessional prezava pelo ensino religioso e as orações eram uma prática recorrente no ensino primário. No jardim de infância também são lembradas pela professora Rosalina:



Na primeira hora eu rezava com as crianças, porque sem Deus né! Então a gente falava, contava história, eu falava sobre a vida e morte de Jesus eles choravam, porque eu contava o que fizeram pra Jesus né! então eles pediam: Por que fizeram isso pra Jesus? Cada época da coisa vinha a história né? Da Bíblia e eu gostava de dar coisas da Bíblia (ROSALINA SEGANFREDO, 2015).

Na perspectiva recordada pela professora Rosalina podemos perceber que o ensino religioso no jardim de infância além das orações tinha como recurso pedagógico as histórias bíblicas sugeridas pelo calendário litúrgico, pois para cada período havia uma história, um espaço de aprendizagem que era organizado por vários tempos, inclusive o tempo das celebrações católicas. Outras histórias utilizadas eram as de literatura infantil, como “*A águia e a raposa, eram as histórias assim pra fazer rir as vezes, contar dos bichos, [...] como tem os animais também eles vivem e são amados por Deus[...]*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). E mesmo em se tratando de outras histórias, o viés religioso sempre aparece atrelado a narrativa da professora, o que é compreensível por ter concluído o noviciado pouco antes de adentrar a sala de aula e ser esta sua primeira “missão” – a de educar para a fé.

Os registros das atividades dispunham também do caderno como suporte, que era supervisionado pela diretora da escola “*eles tinham caderninho e cada um com o caderninho e quem tivesse o caderninho mais limpo, bem organizado recebia um premiozinho da diretora.*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). E ao recordar quais eram os prêmios, a música novamente surge no contexto pois os alunos recebiam “*chocalho, ganhavam triângulo, [...] pandeirinho, tudo isso aí. Brinquedos assim para poder depois para música acompanhar*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). A supervisão, porém, não era restrita ao caderninho, pois a irmã diretora “*ela vinha espiar [risos], ela gostava da gente, parecia irmã da gente*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Pela forma como a professora narra não pareceu incomodada com a postura da diretora em vir ‘espiar’. A constante vigilância, a disciplina rígida, as exigências de capricho, estudo, respeito às ordens e hierarquias, gerava emulações para os que atendiam e eram reconhecidos pelo seu ‘rendimento’.

O espaço do pátio era utilizado pelo jardim de infância em horário diferente das crianças maiores. Rosalina (2016) argumenta que “*sim, no pátio a gente ia. Tinha um pátio grande lá. Que a gente podia ficar à vontade. Agora geralmente ia separado, antes, então porque os outros pisavam em cima das crianças.*” Percebe-se a preocupação para que as crianças não se machuquem, sejam resguardadas e, para isso, os tempos de pátio, de recreio eram distintos entre as turmas. Nos desfiles cívicos também acompanham a escola sem a obrigatoriedade de marchar, “*os pequeninhos daí uma fila, eles atrás.*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Pois os ensaios para os desfiles cívicos com os alunos do ensino primário eram realizados com antecedência e rigor (BELUSSO, 2016).

E por fim, aponto que a professora Rosalina utilizava jogos, letras móveis, jograis, e outras atividades “*porque se tu deixa eles parados e não dando nada, eles não aprendem e então fica lá assim, então tem que mexer, fazer com que eles possam se desenvolver*” (ROSALINA SEGANFREDO, 2015). Desta forma, compreendemos que valorizava a atuação do professor como mediador das aprendizagens e compreendia que era pela atividade, pelo fazer do aluno que o conhecimento podia ser construído.



Considerações finais

*Como uma sombra perdida
Que perpassa na amplidão
Tudo é efêmero na vida
Como bolha de sabão*
(Rosalina Segnafredo, 2015)

A epígrafe remete ao trecho de uma das músicas, ensinadas pela professora Rosalina Segnafredo, a seus alunos do jardim de infância e, ao cantar sobre tudo que é efêmero, nos remete às práticas escolares que após serem realizadas, assim como a bolha de sabão, muitas vezes deixa poucos ou nenhum vestígio. O efêmero é momentâneo, transitório e o que resta dele são percepções muito singulares acerca da experiência. Por isso consideramos a História Oral uma metodologia privilegiada para os pesquisadores que pretendem adentrar os muros das instituições escolares e perscrutar os indícios acerca das práticas, nos recortes temporais em que isso é possível. No caso do Colégio Nossa Senhora de Lourdes o arquivo da instituição não conservou documentos referentes ao jardim de infância, no entanto, com a História Oral e o acervo pessoal de um ex-aluno foi possível acessar algumas representações acerca das práticas escolares.

Algumas questões bem pontuais permeiam as práticas nesta instituição escolar, sendo elas: o fato de tratarmos de uma instituição confessional católica, privada, com a docência exercida por professoras religiosas que tiveram como formação inicial o noviciado; professoras religiosas que não tiveram o fazer docente como escolha e sim como missão naquele contexto formativo, de escolha de vida; o jardim de infância era um dos níveis de ensino atendidos pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes; nas práticas do jardim de infância, vivenciadas em diferentes espaços, parecem antecipar experiências para o ensino primário ao propor o uso do caderno, o ensino das letras, estarem presentes nos desfiles cívicos; dentre as práticas permeadas pelo ensino de música, pela religião e pela literatura lançando mão da dramatização de pequenas histórias, das histórias bíblicas, de canções e orações. São representações de práticas escolares vivenciadas em uma instituição escolar confessional e realizadas por professoras religiosas que assumiram como missão, o educar para a fé.

Concluímos que perscrutar as práticas escolares é sem dúvida uma perspectiva privilegiada para os pesquisadores que indagam o cotidiano escolar. Assim, as elencamos como a sutileza das culturas escolares que nos permitem compreender os diversos modos de fazer na escola.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 – 202.

BELUSSO, Gisele. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS: Histórias de sujeitos e práticas** (1922-1954). 2016. 233 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Caxias do Sul, 2016.

BELUSSO, Gisele e LUCHESE, Terciane Ângela. Memórias de uma religiosa-professora: representações do cotidiano escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS (1951-1962). **Licencia&acturas** – (ISEI). v.4, n.6, p.50-59, jul./dez. 2016.



BOTO, Carlota. **A escola primária como rito de passagem.** Ler, escrever, contar e se compor-tar. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

BURKE, Peter. **O que é a história cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: 1.artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Anne- Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.26, n.2, jul./dez. 2000. p. 157-168. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v26n2/a11v26n2.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Marcia Ma-nuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

DE BONI, Luís A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. (org.). **RS: Imigração e Colonização.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 234 - 255.

ERRANTE, Antoniette. Mas afinal a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, ASPHE/Fa/UFPEL, Pelotas:ASPHE, v.4, n.8, p.141-174, set.2000. Disponível em:<<http://www.ser.ufgrs.br/asphe/article/view/30143/0>>.Acesso em 20 jun. 2019.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Le-tras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Cen-tauro, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p.9-44, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273>. Acesso em: 15 abr. 2019.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer história da Educação: pensando a operação his-toriográfica em temas regionais. **Revista História da Educação**. v.18, n.43. p.145-161. Porto Alegre: mai./ago. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/09.pdf>>. Acesso em: 22 abr. de 2015.

LUCHESE, Terciane Ângela. História das instituições escolares, um olhar teórico-metodológico. In: LUCHESE, Terciane Ângela; FERNANDES, Cassiane C. e BELUSSO, Gisele (org.). **Institui-ções, Histórias e Culturas Escolares.** Caxias do Sul: EDUCS, 2018, p. 55 – 68.

NUNES, Maria J. Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil.** 7^a ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 482 – 509.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associa-dos, 2007.

SCARIOT, Eléia. **Centelhas de vidas escondidas.** Caxias do Sul: Lorigraf, 2006. Vol. II.

SIGNOR, Lice Maria. **Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas** – 1895 - 1934. Brasília: CSEM, 2005.

SIGNOR, Lice Maria. **Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas** – 1934-1971. Brasília: CSEM, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. España: Editora Morata, 2002.



ENTREVISTAS

SEGANFREDO, Amantina. **Entrevista concedida a Gisele Belusso.** Caxias do Sul, 10 de dezembro de 2015. Entrevista.

SEGANFREDO, Mafalda; SEGANFREDO, Rosalina Seganfreto. **Entrevista concedida a Gisele Belusso.** Caxias do Sul, 10 de dezembro de 2015. Entrevista.

Documentos acessados no Arquivo da Secretaria da Província Imaculada Conceição – Caxias do Sul/RS.

Ficha de pessoal de Maria Cleufe Ferronato.

Curriculum Vitae de Maria Cleufe Ferronato.

Documentos do acervo escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Publicação comemorativa ao cinquentenário do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1967.

Documentos do acervo pessoal de Raul Pedro Tartarotti

Atividade do Jardim de Infância do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1936

Boletim Escolar do Jardim de Infância, primeiro trimestre, 1936.

Recebido em: 30/08/2019

Aceito em: 05/11/2019